

INTERCULTURALIDADE NA MODA: A adaptação do Hanfu moderno para o Brasil *INTERCULTURALITY IN FASHION: The adaptation of modern Hanfu for Brazil.*

Rebeca Pinho dos Santos¹, UMFG, pinhorebeca8@gmail.com
Amanda Vatras², UMFG, amandavatras@hotmail.com

Resumo: Este estudo faz parte da construção do Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharel em Moda no ano de 2025 da Faculdade UMFG e tem como objetivo analisar a aplicação da interculturalidade na moda brasileira por meio da adaptação do Hanfu moderno, vestimenta tradicional chinesa remodelada no século XXI. A proposta visa refletir sobre os limites entre apreciação e apropriação cultural, destacando a importância do respeito aos significados simbólicos e históricos. Este estudo servirá como base para o desenvolvimento uma coleção de moda modesta para o público feminino, unindo a estética do Hanfu com a simbologia da flor do ipê, representando um diálogo entre as culturas chinesa e a brasileira. A pesquisa utilizou uma abordagem mista, com revisão bibliográfica, questionário com perguntas quantitativas e qualitativas voltadas para mulheres consumidoras de moda modesta. A proposta reforça a possibilidade de unir a tradição e a inovação de maneira sensível e significativa, promovendo uma moda modesta que respeita e celebra diferentes culturas.

Palavras-chave: Interculturalidade; Hanfu moderno; Moda modesta; Apreciação cultural.

Abstract: This study is part of the development of the Bachelor's Degree in Fashion Final Project in 2025 at UMFG University, aiming to analyze the application of interculturality in Brazilian fashion through the adaptation of the modern Hanfu, a traditional Chinese garment redesigned in the 21st century. The proposal seeks to reflect on the boundaries between cultural appreciation and cultural appropriation, highlighting the importance of respecting symbolic and historical meanings. This study will serve as the foundation for the creation of a modest fashion collection for a female audience, combining the aesthetics of the Hanfu with the symbolism of the ipê flower, representing a dialogue between Chinese and Brazilian cultures. The research employed a mixed-methods approach, including a literature review and a questionnaire with both quantitative and qualitative questions targeted at women who consume modest fashion. The proposal reinforces the possibility of uniting tradition and innovation in a sensitive and meaningful way, promoting modest fashion that respects and celebrates different cultures.

Keywords: Interculturality; Modern Hanfu; Modest fashion; Cultural appreciation.

1 INTRODUÇÃO

A moda é uma forma de expressão cultural que reflete valores, identidades e tradições por meio das vestimentas. Com o avanço da globalização, tornou-se mais comum o intercâmbio entre diferentes culturas, conceito na qual é conhecido como interculturalidade. Este trabalho propõe analisar a aplicação dessa prática na moda modesta feminina por meio da adaptação do Hanfu moderno para o Brasil, caracterizando-se como uma tendência que remodela o traje tradicional chinês. A proposta integra os elementos culturais chineses, como a fluidez e a elegância do Hanfu moderno, com o símbolo da flora brasileira, a flor de ipê, adaptando-as às condições climáticas e culturais do Brasil. O estudo também destaca a importância de respeitar os significados simbólicos das vestimentas tradicionais e propõe um diálogo ético entre culturas, evidenciando a apreciação cultural como inspiração criativa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

¹ Acadêmica do curso de Bacharel em Moda, UMFG.

² Mestre em *Design* de Moda e Especialista em Cultura de Moda com experiência em práticas projetuais. Compõe o corpo docente da Faculdade UMFG no Curso de Bacharel em Moda com as disciplinas de Introdução ao *Design*, História da Moda I e II, Figurino, *Design* de Detalhes e Acessórios, Sustentabilidade Aplicada à Moda, Metodologia do Trabalho Científico, Visual Merchandising e, Novos Cenários da Moda.

Esse estudo adotou uma abordagem mista, na qual a revisão teórica embasou o conceito de interculturalidade na moda e sua aplicação em diversos contextos. As pesquisas quantitativas e qualitativas foram realizadas no mesmo formulário, em forma de questões objetivas e dissertativas, aplicado às mulheres consumidoras de moda modesta. O questionário teve como objetivo analisar as oportunidades do segmento, compreender a aceitação da proposta que mistura a modelagem do Hanfu moderno com a flor do ipê e explorar as opiniões sobre apreciação e apropriação cultural.

Com base nos dados coletados será desenvolvida posteriormente uma coleção de moda para a marca Haceber³, na qual tem etapas como a escolha de materiais, criação dos croquis, elaboração de fichas técnicas e desenvolvimento de modelagem. Essa coleção tem como propósito abordar a interculturalidade através da adaptação do Hanfu moderno no Brasil de forma ética e responsável.

3 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

A moda acompanha a humanidade desde os seus primórdios, evoluindo de um recurso funcional para uma forma de expressão cultural e social. Ao longo do tempo, o vestuário passou a representar identidades, valores e posição social. Segundo Prado e Braga (2011), a moda ocidental se desenvolveu como um processo de imitação do modo de vestir de um determinado grupo social, o que gerou um ciclo contínuo de reinvenções que caracteriza a efemeridade da moda atual. Essa constante renovação é apontada por Lipovetsky (2009) como um reflexo das transformações sociais, nas quais a instabilidade e a inovação tornaram-se elementos da própria cultura ocidental.

Para Godart, a moda deve ser mais do que transformar tecidos em roupas, ela tem que “criar objetos portadores de significados” (2010, p.14), através de cores, formas e símbolos, as vestimentas podem comunicar suas tradições e origens. Simili e Vasques (2013) destacam que o vestuário adquire relevância não somente como expressão individual, mas também coletivamente, sendo um meio de transmitir e reinterpretar práticas culturais. A moda, nesse sentido, atua como uma linguagem simbólica, capaz de gerar conexões entre diferentes sociedades.

É nesse contexto que surge o conceito de interculturalidade, entendido como o diálogo entre culturas distintas, com base em respeito e reconhecimento mútuo. Ferrari (2015) enfatiza que esse intercâmbio deve considerar tanto as semelhanças quanto as diferenças, de modo a construir relações éticas entre os grupos envolvidos. Um exemplo histórico desse fenômeno foi a influência da Rota da Seda, por meio da qual elementos culturais chineses, como tecidos de sedas e bordados, foram amplamente valorizados no Ocidente, impulsionando estéticas como o estilo *Chinoiserie*⁴.

O processo de adaptação de elementos orientais pela moda europeia é bem explícita pelo uso do quimono japonês por estilistas como Paul Poiret (1879–1944) e John Galliano. Essas adaptações mostraram ser possível reinterpretar trajes tradicionais com respeito e reconhecimento às suas origens. Como destacado por Barnard (2003), a compreensão cultural efetiva na moda só acontece quando os signos expressos pelas roupas são reconhecidos por quem observa, evitando interpretações superficiais ou descontextualizadas.

A globalização junto com o avanço das mídias como os doramas ⁵asiáticos, reforçou a visibilidade da moda oriental, especialmente do Hanfu, vestimenta tradicional chinesa. Essa disseminação promoveu não somente a estética do traje, mas também seu valor simbólico. Contudo, como expresso por Solomon (2011), o desconhecimento da história por trás de elementos culturais pode resultar em apropriação indevida, gerando questões éticas. Por isso, Santos et al (2024) defende

³ Marca autoral fictícia criada exclusivamente para fins acadêmicos, no contexto do Trabalho de Conclusão de Curso.

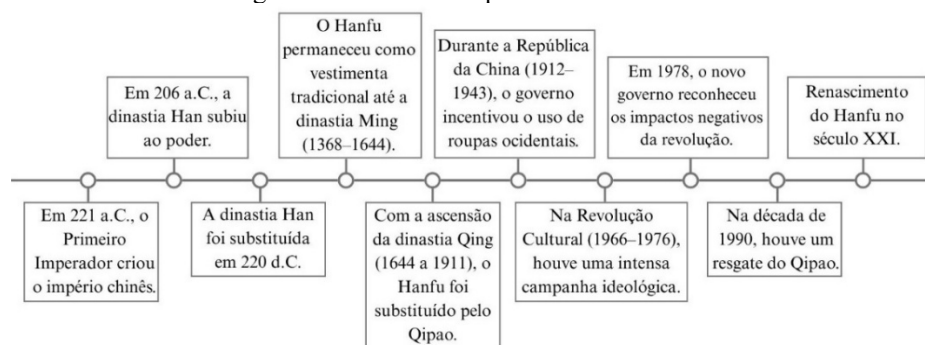
⁴ Estética decorativa europeia do século XVIII que reinterpretava elementos chineses na moda, em objetos e no design de interiores.

⁵ Termo utilizado para designar series de origen asiática, especialmente japonesas, coreana e chinesa.

que é essencial “compreender o contexto histórico daquele lugar ou povo, e entender o significado do elemento apreciado para não se apossar de forma desrespeitosa”, possibilitando uma apreciação cultural, na qual reconhece e valoriza as características sem um apoderamento indevido de sua identidade.

Assim, a interculturalidade na moda não é somente uma tendência criativa, mas uma prática que exige pesquisa, sensibilidade e responsabilidade cultural. Adaptar referências estrangeiras, como o Hanfu moderno, deve sempre partir de um reconhecimento de sua origem e importância simbólica. A história do Hanfu tradicional acompanha a trajetória da China ao longo dos séculos, sendo consolidado como vestimenta tradicional do cotidiano chinês durante a dinastia Han (206 a.C.–220 d.C.), recebendo seu nome que significa roupa do povo Han. Mas suas raízes começaram desde a época do primeiro imperador da China, como apresentado na figura 1.

Figura 1 - Linha do tempo do Hanfu.



Fonte: O autor (2025).

A imagem apresenta uma linha do tempo que ilustra os principais marcos históricos da trajetória do Hanfu, desde suas raízes e consolidação na dinastia Han até seu renascimento no século XXI. A figura demonstra como os fatores políticos, como a ascensão da dinastia Qing e a Revolução Cultural, influenciaram diretamente o uso e o abandono do traje tradicional, bem como momentos de resgate e valorização cultural que marcaram sua história. Mesmo tendo sido gradualmente substituído ao longo das últimas dinastias e enfrentando períodos de forte repressão, o Hanfu permanece como um símbolo de identidade chinesa, tendo como suas principais características a estética fluida e delicada. Tradicionalmente, sua estrutura incluía uma túnica longa e reta, com gola cruzada, mangas largas e cumpridas, e uma saia ou calça ajustadas por faixas e cintos, conforme apresentado na figura 2.

Confeccionados principalmente em sedas, algodão e linho, o Hanfu apresentava bordados detalhados com símbolos da cultura chinesa. As cores do traje eram designadas conforme a classe social, sendo os tons vibrantes como o vermelho, azul e dourado destinados à realeza, enquanto as cores mais claras e neutras eram usadas pelas classes menos favorecidas. Seu renascimento contemporâneo demonstra a força da tradição e o desejo de preservação cultural, mesmo diante das transformações impostas ao longo do tempo.

O ressurgimento do Hanfu teve como marco inicial nos anos 2000, impulsionados por eventos como a Reunião de Cúpula da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico, em 2001, e a aparição pública de um cidadão usando o traje em 2003 (Chen, 2024). Esses acontecimentos despertaram entre os jovens chineses o desejo de resgatar a vestimenta como símbolo de identidade cultural. A popularização da vestimenta ganhou força com o apoio das mídias sociais e das produções televisionadas, que passaram a apresentar o Hanfu como um elemento estético e uma herança cultural que merecia destaque.

A evolução do movimento deu origem a uma tendência conhecida por novo estilo chinês, na

qual modernizava o Hanfu com tecidos mais práticos e atuais, mantendo cortes fluidos e silhuetas elegantes, como mostrado na figura 3. As cores começaram a seguir um sistema sazonal, onde os tons mais escuros são para o inverno e as cores mais suave para o verão. Detalhes como os bordados e estampas continuaram a representar símbolos da tradição chinesa, mas de uma maneira mais discreta. O Hanfu moderno, portanto, equilibra a tradição e funcionalidade, conectando as novas gerações às suas raízes culturais e promovendo uma estética chinesa contemporânea e acessível.

Figura 2 - Hanfu Tradicional.



Fonte: O autor (2025).

Figura 3 - Hanfu Moderno



Fonte: O autor (2025).

A interculturalidade na moda através da adaptação da Hanfu moderno para o Brasil, exige atenção ética. Segundo Ody (2023), a apropriação cultural ocorre quando símbolos de uma cultura são usados fora de seu contexto original, desvalorizando sua essência. Para lidar com essas questões, surgiu o campo do direito da moda, que aborda temas como apropriação, plágio e exploração na indústria. No contexto brasileiro, adaptar o Hanfu moderno exige sensibilidade cultural e funcional. Para tornar essa adaptação viável no Brasil, é fundamental considerar o clima tropical e optar por tecidos leves, com cores que combina os tons tradicionais chineses com a natureza brasileira.

A Haceber surge como uma marca que propõe uma moda modesta refinada e culturalmente consciente, através da união entre elementos orientais e brasileiros. Inspirada na fusão entre o Hanfu moderno e a flor de ipê, sua coleção trará um diálogo entre ambas as culturas, como apresentado na figura 4. Essa interculturalidade não é somente uma escolha estética, mas uma abordagem ética que valoriza o respeito cultural e a pesquisa histórica.

Figura 4 - Moodboard da coleção.



Fonte: O autor (2025).

O questionário realizado com o público da marca, formado em sua maioria por jovens entre 18 e 24 anos, revelou um perfil que busca equilíbrio entre estilo pessoal, elegância e conforto. Os

dados também apontam a receptividade com elementos orientais, desde que aplicados com sensibilidade e coerência. A modelagem fluida, os bordados delicados e as cores suaves do Hanfu moderno, foram identificadas como as características mais desejáveis para sua adaptação. Com base na pesquisa, é possível alinhar o design e conceito de forma estratégica, promovendo uma moda modesta que respeita e valoriza as culturas envolvidas, sem perder sua autenticidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme explorado nesse trabalho, a adaptação do Hanfu moderno ao contexto brasileiro evidencia a moda como um meio de expressão intercultural. Ao unir elementos orientais e brasileiros com respeito e sensibilidade, a coleção Florescer Oriental promove um diálogo ético entre culturas. A proposta reforça que a interculturalidade na moda exige pesquisa, consciência histórica e valorização simbólica e, neste sentido, o vestuário atua como conector se tornando um elo entre diferentes culturas. Acredita-se, assim, que a moda pode celebrar a diversidade cultural sem descontextualizar suas origens, se valendo das tradições como referências para novas abordagens.

REFERÊNCIAS

- BARNARD, Marcolm. **Moda e Comunicação**. Rio De Janeiro: Editora Rocco, 2003, 267 p.
- CHEN, Yue. **A nostalgia do passado: cultura e moda na China contemporânea**. 2024. 250 f. Tese (Doutorado em Estudos Culturais) - Universidade de Minho, Portugal, 2024. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/89290/1/Yue%20Chen.pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.
- FERRARI, Maria Aparecida. **Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios. Comunicação, interculturalidade e organizações faces e dimensões da contemporaneidade**. Tradução. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002731759.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.
- GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. São Paulo: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de São Paulo-SENAC/SP, 2010, 155 p.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 347 p.
- ODY, Lisiane Feiten Wingert. **Relação entre Fashion Law e o direito da arte, do autor e da proteção de patrimônio cultural**. 2023. Disponível em: https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2023/6/2023_06_1329_1367.pdf. Acesso em: 30 out. 2024
- PRADO, Luís André do; BRAGA, João. **História da moda no Brasil: das influências às autorreferências**. 2 Barueri: Disal S.A., 2011, 640 p.
- SANTOS, Andrielly Kevilly Dantas dos; FERNANDES, Stephanny Letícia Leal; PONTES, Márcio André Evangelista. **Moda e apropriação cultural: considerações legais e éticas em torno da utilização de elementos culturais no design de moda**. Jusbrasil, 2024. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/moda-e-apropriacao-cultural/2586838468>. Acesso em: 01 abr. 2025.
- SIMILI, Ivana Guilherme; VASQUES, Ronaldo Salvador. **Indumentária e Moda: caminhos investigativos**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá-EDUEM, 2013, 220 p.
- SOLOMON, Michael R. **O comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo**. 9 ed. Bookman, 2011, 680 p.